

Um cotidiano hipertextual na escola: uma experiência possível

A leitura do mundo que nos cerca é sempre hipertextual. Nossos sentidos captam simultaneamente imagens visuais, acústicas, táteis e olfativas, entrelaçando-as a outras percepções e imagens de nossos acervos mentais. O cotidiano escolar participa dessa dinâmica hipertextual: o aluno simultaneamente ouve o professor, olha pela janela, vê o que está acontecendo no pátio, no corredor, rabisca o caderno do colega ao lado, folheia as páginas de uma revista escondida embaixo da mesa. Não obstante, continua a ser solicitada sua atenção exclusiva para um texto de cada vez, durante a maior parte do tempo ele deve permanecer sentado, em silêncio, ouvindo o professor ou lendo um texto único.

A escola tradicionalmente mantém uma maneira linear de ensinar, de planejar, de executar e de avaliar seu projeto educativo. A lógica que acompanha as atividades escolares ainda guarda maior afinidade com os regimes seriados de ensino e conteúdos organizados hierarquicamente, que conduzem a generalização, unificação e despersonalização de quem ensina e quem aprende. Pais e professores ainda permanecem ligados aos rituais homogeneizantes.

Em busca de alternativas a esse modelo, durante o ano de 2005, em um estágio em Portugal, tive a oportunidade de conhecer o trabalho na Escola da Ponte. Para minha surpresa, uma criança foi chamada pela direção da escola para conduzir a visita e esclarecer sobre o funcionamento da instituição. Pude observar sua autonomia e fluência verbal ao apresentar os espaços e explicar as atividades ali desenvolvidas, falando baixinho e buscando interferir minimamente nos estudos dos grupos. Para ela ficava claro que as redes de subjetividades coletivas não anulam suas subjetividades próprias.

Foi o que inferi na fala daquela menina de 9 anos: "nós temos um grupo de trabalho, mas os objetivos são individuais. Quando temos dúvidas, pedimos ajuda ao grupo. É uma escola diferente das outras, mas muito fixe." Inesquecível imagem: sujeitos singulares em um contexto hipertextual, em constante metamorfose a partir da interação entre eles. Essa diversidade remete a uma redefinição dos parâmetros pelos quais ainda se pensa o cotidiano escolar. Pude constatar in loco o reconhecimento das diferenças, o valor da dúvida e do erro no processo da aprendizagem, assim como, a importância da expressão e da troca entre os mais variados saberes sobre o mundo, em função de seus próprios interesses, valores e sentimentos em interação com seus colegas e mediadores docentes.

Ao conversar com vários alunos da escola, confirmei o quanto eles são incentivados a se colocarem como protagonistas. Coerentemente com a proposta pedagógica da escola, que valoriza a livre expressão, a criatividade das crianças e a participação nas decisões, as crianças criam histórias, relatam experiências, emitem opiniões e participam do processo ? do planejamento à avaliação. Em seus depoimentos, são freqüentes as referências às assembleias semanais que dirigem e nas quais são discutidas propostas discentes e docentes para o ano em curso. Tudo registrado em atas publicadas no site da escola.

No cotidiano da Escola da Ponte, atualizam-se práticas antigas em novos suportes e tecnologias, que amplificam a voz de uma criança do interior, levando-a a ecoar perto e distante. Vive-se ali o melhor da velha cultura escolar, com destaque ao respeito às regras coletivamente formuladas; a par do melhor da tecnocomunicação, com todas as possibilidades criadas pelo computador e pela internet. O novo e o velho convivem num projeto político pedagógico capaz de favorecer a integração e cooperação entre os alunos que se colocam como produtores de textos, partindo de suas vivências e multiplicando seus saberes. O computador deixa de ser uma caixa mágica cheia de textos vindos do ciberespaço e a internet subsidia uma ampla rede de conhecimento, integrando sujeitos ativos e críticos frente à realidade.